

Editorial

Esta edição da *Estudos Nietzsche* dá prosseguimento à nova prática editorial adotada pela revista desde o seu último número, ou seja, a publicação de dossiês temáticos organizados por um (a) editor(a) convidado(a). Em conformidade com o que foi anunciado em seu editorial passado, publicamos agora a segunda parte do dossiê “Nietzsche e o perfeccionismo”. Para uma apresentação geral desta família de teorias éticas, para um breve histórico do tratamento do tema pela pesquisa Nietzsche, assim como para uma breve enumeração das questões que ele suscita, tomo a liberdade de remeter o leitor ao editorial que abre a primeira parte deste dossiê. No que se segue me limito a uma descrição sucinta de cada uma das contribuições que compõem esta segunda parte do dossiê.

O artigo que abre a segunda parte deste dossiê é assinado por Marco Brusotti (“Os conceitos nietzschianos de espontaneidade e soberania e a filosofia kantiana”) e tem como propósito reconstruir o contexto polêmico que confere sentido ao uso nietzschiano dos conceitos de espontaneidade e soberania nas seções de abertura da segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*. O objetivo principal do autor é lançar uma nova luz sobre a figura controversa do indivíduo soberano, dissipando alguns equívocos que cercam a recepção contemporânea destas passagens focais. A reconstrução do contexto intelectual a partir do qual Nietzsche elabora a sua própria posição permite fixar o que é intenção irônica e o que são os compromissos efetivos do filósofo, evitando que a equivocidade de seu vocabulário induza a erros interpretativos. Nietzsche inspira-se em Alexander Bain para elaborar uma concepção naturalizada da espontaneidade que se opõe à noção kantiana de uma espontaneidade “absoluta” ou “livre” da vontade. Ao analisar o uso de expressões kantianas na *Genealogia*, Brusotti mostra que sua crítica à liberdade da vontade é compatível com a descrição do “indivíduo soberano” como “responsável”, “autônomo” e “livre”. Essa famosa passagem deve ser lida como uma polêmica dirigida a Eduard von Hartmann, contra o qual Nietzsche emprega uma estratégia textual específica, que consiste em tomar as expressões kantianas em um sentido “antikantiano” e cultivar sistematicamente a arte de usar “uma fórmula moral em um sentido supramoral”. A autoatribuição da liberdade absoluta do agente pertence essencialmente ao conceito kantiano de agência moral, assim como a autoatribuição da “liberdade” pertence ao conceito nietzschiano de individualidade soberana. Mas a “liberdade” que o indivíduo soberano atribui a si mesmo e aos seus pares não é uma

espontaneidade absoluta, que para Nietzsche é um conceito autocontraditório; além disso, essa autoatribuição de uma rara liberdade não tem a mesma função que Kant atribui ao postulado da liberdade absoluta em sua filosofia prática. Em Nietzsche essa autoatribuição é antes o modo pelo qual o “pathos da distância” do indivíduo soberano se expressa, sendo, portanto, uma forma de autoafirmação. Esse esforço de esclarecimento conceitual a partir da reconstrução do contexto intelectual prepara o terreno para estudos posteriores que se proponham contrastar a estrutura do perfeccionismo nietzschiano com a concepção kantiana da agência moral.

A segunda contribuição deste volume é de autoria de Thomas Hurka (“Nietzsche como um filósofo perfeccionista”). Este artigo, publicado originalmente em 2007, é uma das principais referências para o debate em torno do perfeccionismo nietzschiano. Hurka, que é autor de um estudo panorâmico sobre a tradição perfeccionista na filosofia moral do ocidente, identifica a posição moral substantiva de Nietzsche com uma versão do perfeccionismo que se diferencia de outras por vários traços teóricos distintivos. As teses que Hurka atribui ao perfeccionismo de Nietzsche podem ser vistas como um detalhamento teórico da leitura sugerida por Rawls em sua obra de 1971. Trata-se de um perfeccionismo com fortes implicações políticas e anti-igualitárias, às quais se contrapõem leituras como as de Cavell e Conant, aqui representadas pelos artigos de Zavatta (conferir a primeira parte deste dossiê) e Siemens (conferir contribuição a este volume). Hurka avalia em que medida o perfeccionismo de Nietzsche pode ser caracterizado como um perfeccionismo em sentido amplo (designando tão somente o compromisso com uma teoria objetiva do bem humano) ou em sentido estrito (que envolveria a tentativa de fundamentar estes valores perfeccionistas em alguma concepção da natureza humana ou, no caso de Nietzsche, em reivindicações essencialistas acerca da vontade de poder, que por sua vez pode ou não ser interpretada em termos teleológicos). O artigo explora ainda as sugestões de Nietzsche para resolver questões de natureza agregativa, identificando a sua posição com a defesa de um critério anti-igualitário ou “maximax” de consequencialismo. Essa identificação nos ajuda a compreender adequadamente o lugar ambíguo que o egoísmo ocupa em sua filosofia moral. Por fim, Hurka atribui a Nietzsche a tentativa de fundar valores perfeccionistas mais concretos em propriedades meramente formais que caracterizam as metas das pessoas, propriedades tais como a extensão, em especial a extensão temporal, e o seu grau de unificação ou o quanto elas contribuem para a “unidade orgânica”. Complexidade e unidade seriam, portanto, critérios formais que permitiriam hierarquizar a excelência de nossas realizações.

A terceira contribuição é assinada por Herman Siemens (“Amor-Ódio e Guerra: Perfeccionismo e Autossuperação em *Assim Falou Zaratustra*”). A leitura de Siemens funciona como um contraponto à perspectiva defendida por Hurka. Ela se filia à tradição inaugurada por Cavell em oposição direta à perspectiva inaugurada por Rawls, que interpreta o perfeccionismo nietzschiano em termos consequencialistas e fortemente institucionais. A estratégia para se aproximar do tema consiste em investigar a ideia de autossuperação em *Assim falou Zaratustra* e o modo como ela se relaciona com o perfeccionismo emersoniano de Nietzsche em *Schopenhauer como Educador*. Metodologicamente, trata-se de um estudo de conceito focado em passagens-chave sobre o tema da autossuperação (e questões afins) em *Zaratustra*. O artigo de Siemens é particularmente sensível à questão de como conciliar a demanda por uma atitude de afirmação ilimitada (que parece exceder os limites do perfeccionismo) com a demanda por uma crítica global no projeto de transvaloração crítica de Nietzsche (claramente subordinada à promoção do projeto ético perfeccionista). Poucos estudiosos parecem cientes de que há aqui uma tensão que, não sendo resolvida, parece inviabilizar o projeto nietzschiano como um todo. Siemens sugere que a solução proposta por Zaratustra varia conforme seus destinatários: no que diz respeito àquela parte da humanidade que não tem potencial para o cultivo de valores perfeccionistas (a ralé), a personagem de Nietzsche recomenda um limite na negação sob o signo da brandura; no que diz respeito àqueles que estão engajados na autossuperação, ele defende uma negação limitada que assume a forma da relação amor-ódio. Ao longo do artigo, são sugeridas uma série de comparações com o tipo de perfeccionismo defendido em *Schopenhauer como Educador* que apontam ora para continuidades, ora para rupturas. O tipo de perfeccionismo atribuído a Nietzsche consiste em um apelo dirigido sobretudo aos indivíduos (filiação emersoniana), mas ao mesmo tempo ele preserva uma dimensão política (agonística e extemporânea, aversiva) que não tem, contudo, nenhum caráter institucional reconhecível.

O quarto artigo do dossiê, assinado por Rogério Lopes (“Os riscos de se tentar conferir plena cidadania teórica ao pensamento ético de Nietzsche: uma discussão de *Nietzsche and Contemporary Ethics* de Simon Robertson”), apresenta e discute as principais teses defendidas por Simon Robertson em seu livro *Nietzsche and Contemporary Ethics* (publicado pela Oxford University Press em 2020), tanto em suas reivindicações exegéticas quanto sistemáticas. As posições avançadas por Robertson podem ser estimulantes tanto para um leitor prioritariamente interessado em compreender a teoria moral nietzschiana quanto para aquele interessado em

questões mais amplas de teoria moral contemporânea, em especial na tradição analítica. Através de um trabalho que combina reconstrução e exegese, o autor procura situar a obra de Nietzsche nos principais debates da área (ética normativa, metaética, psicologia moral). O que resulta desta empreitada híbrida é uma imagem final do ideal perfeccionista de Nietzsche que é teoricamente consistente e que se estabelece como uma alternativa relevante na paisagem contemporânea das teorias éticas. Essa alternativa envolve uma crítica robusta à autoridade normativa da moralidade, uma psicologia moral sentimentalista, uma concepção de vida boa que conjuga os bens da excelência e do florescimento, uma concepção modesta da normatividade que combina elementos internalistas e externalistas e, por fim, uma posição metaética irrealista que se diferencia tanto do realismo (que pressupõe a existência de propriedades normativas ontologicamente robustas) quanto de posições acentuadamente reformistas (formas de ficcionalismo e de não cognitivismo, por exemplo). O artigo reconstrói os principais argumentos de Robertson a favor desse conjunto de teses e procura avaliar (1) em que medida eles são convincentes, tanto em suas reivindicações sistemáticas quanto exegéticas e (2) em que medida suas escolhas metodológicas resistem a contestações críticas.

O quinto artigo, assinado por Alice Medrado (“O cultivo de si, o cultivo da liberdade”), investiga o ideal nietzschiano de liberdade, explorando a correspondência entre o espaço de liberdade possível e o espaço do cultivo de si. As práticas de si, enquanto práticas de liberdade, seriam o material de trabalho do experimento imoralista de Nietzsche. A partir daí, adentram-se diferentes questões em torno do tema, questões referentes à construção do *Eu*, do tornar-se o que se é, dos diferentes regimes de cultivo dos impulsos, e das implicações políticas de seu experimento imoralista. A relação entre o perfeccionismo de Nietzsche e seu imoralismo tem sido uma fonte de inquietação para a literatura secundária. Podemos encontrar na pesquisa Nietzsche distintas estratégias para abordar a questão. Algumas delas encontram-se representadas neste dossiê, o que não é mera casualidade. A radicalidade do perfeccionismo nietzschiano se traduz primeiramente no modo como ele extrai as últimas consequências desta posição, sem apelar para soluções de compromisso que se constroem ao arrepio da consistência teórica. Nietzsche não parece disposto a ceder aos apelos de nossas intuições morais. Uma forma de contornar os aspectos mais escandalosos desse radicalismo consiste em enfatizar as nuances individualistas do projeto perfeccionista de Nietzsche, colocando em segundo plano, ou mesmo desconsiderando inteiramente suas ambições políticas (e mesmo éticas). Essa estratégia reduz a sua posição a um

ideal estético ou a uma tese meramente prudencial acerca da vida boa. Alice Medrado resiste a essa solução deflacionista ao insistir na tese de que a atenção ao tema da liberdade nos ajuda a perceber a dimensão política do ideal nietzschiano de uma normatividade supramoral inscrita em seu perfeccionismo.

Por fim, fechando a segunda parte deste dossiê, temos a contribuição de Oscar Rocha-Santos (“A moralidade individual como um tipo de perfeccionismo em sentido amplo”). A questão que serve de pano de fundo ao artigo é a caracterização do perfeccionismo de Nietzsche em termos estritos ou amplos, conforme a tipologia introduzida por Hurka. Rocha-Santos constrói a sua defesa da segunda alternativa por meio de uma tese genética que diferencia entre os compromissos de Nietzsche nas obras do período intermediário e do período de maturidade. Segundo o autor, não poderíamos falar em perfeccionismo em sentido estrito antes da introdução do princípio da vontade de poder, que oferece a Nietzsche a possibilidade de fundar o seu perfeccionismo em uma teoria mais robusta e de cunho essencialista. Essa estratégia de diferenciação genética permite lançar uma nova luz sobre a polêmica em torno das pretensões normativas do perfeccionismo nietzschiano, assim como sobre a questão de suas implicações imoralistas. A ênfase no tipo de perfeccionismo que encontramos nas obras do período intermediário permite deflacionar esses compromissos e contornar os aspectos mais perturbadores do imoralismo nietzschiano. Para ilustrar esses pontos, o autor analisa o que Nietzsche denomina, nessas obras do período intermediário, uma moralidade individual. A noção objetiva de bem humano, central em qualquer ética perfeccionista, é identificada nestas obras com uma determinada atitude afirmativa do indivíduo em relação a si mesmo, que se efetiva de maneira excelente quando realizada pelo tipo pulsional descrito como espírito livre. Para desenvolver o argumento, Rocha-Santos confere destaque à correlação entre os aspectos negativos e propositivos da crítica nietzschiana ao altruísmo e, conseqüentemente, à sua defesa do egoísmo. Um foco exclusivo nas obras deste período permite uma avaliação ligeiramente distinta do modo como Nietzsche se relaciona com a tese do egoísmo ético, que serve de contraponto a outras leituras presentes neste dossiê e que não são igualmente sensíveis a variações diacrônicas.

Para a edição deste volume, devo agradecer primeiramente a todos os que contribuíram com artigos (por terem se engajado no projeto, por terem tido disposição para negociar direitos de tradução, por terem enviado material inédito de suas pesquisas ou adaptado material já publicado

em outros formatos), ao grupo de tradutores e revisores (em especial pela paciência com minhas inúmeras e obsessivas revisões). Reitero meus agradecimentos aos membros do Grupo Nietzsche da UFMG, pelo entusiasmo com o projeto e pelas incansáveis discussões que precederam a sua execução, e que se estenderam desde a seleção dos textos até a sua minuciosa revisão. Devo, por fim, um agradecimento especial aos editores da *Estudos Nietzsche*, meus colegas de pesquisa e amigos Ernani Chaves e Antônio Edmilson Paschoal, por terem me concedido a honra do convite e pela colaboração em todas as etapas de preparação desta edição. Desejo a todos uma leitura agradável e proveitosa.

Rogério Lopes/editor convidado (UFMG)

Neste número da *Estudos Nietzsche*, que leva a público a segunda parte do belo trabalho organizado por Rogério Lopes, com apoio dos membros do Grupo Nietzsche, da UFMG, sobre Nietzsche e o perfeccionismo, o leitor encontrará ainda um artigo, uma resenha e uma tradução. O artigo de Rodrigo Barbosa, intitulado “Paracaracterísticas dos modos de escrita de Nietzsche”, apresenta um desdobramento da pesquisa do autor sobre os modos de escrita em Nietzsche, com ênfase para o que identifica como um “gesto sofista” em *Ecce homo*. Um estudo que tem como suporte teórico os trabalhos de Bárbara Cassin e se configura num diálogo muito próximo com Axel Pichler. A resenha feita por Jelson de Oliveira, faz uma bela apresentação do livro de Scarlett Marton intitulado “*Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos*”, com destaque para a atualidade da obra, numa época em que os trabalhos sobre gênero são tão fortes quanto necessários. A tradução feita por Gustavo da Silva e Alexandre Tranjan, apresenta um texto de Georges Bataille, derivado de uma entrevista concedida por ele, em 1959, e intitulado “Nietzsche e Clausewitz: a guerra”. O texto expõe uma breve reflexão sobre o jogo que seria a guerra, apresentando, partir do tema, algumas ponderações sobre formas da escrita em Nietzsche.

Tendo em vista estes dois textos e em especial o conjunto sobre o perfeccionismo, aproveito para desejar às pessoas que acompanham a Revista, que possam aproveitar o material e – boa leitura!

Edmilson Paschoal